



Marshall McLuhan 40 anos depois: a mídia como a lógica de dois tempos

J.S.Faro*

O artigo pretende fazer uma apreciação das principais reflexões de Marshall McLuhan a partir do impacto provocado por seu livro mais conhecido – *Understanding media: The Extensions of man* –, 40 anos depois de seu surgimento. Embora marcado pelo modismo que a própria obra estimulou nos anos 60, tudo indica que o professor canadense percebeu com sensibilidade aguçada duas dimensões dos meios de comunicação: seu papel referencial como elemento fundamental da história da cultura e sua importância na crise da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: cultura de massa, tecnologias, crise das ideologias.

This article intends to make an analysis on Marshall McLuhan's main reflections from the impact caused by his most well-known book – *Understanding Media: The Extension of Man* –, 40 years after its publishing. Though it is marked by the trend the book itself began in the 60's, everything indicates that the Canadian professor recognized with a sharpen sensibility two dimensions of the media: its referential role as fundamental element of culture history and its importance in the contemporary society's crisis.

Keywords: mass culture, technologies, ideology crisis.

El texto pretende hacer una apreciación de las principales reflexiones de Marshall McLuhan, a partir del impacto provocado por su libro más conocido – Understanding media: the extensions of man – 40 años después de su surgimiento. Aun cuando exista un marco por el modismo que la propia obra desencadenó en los años 60, todo indica que el profesor canadiense percibió con sensibilidad agudizada dos dimensiones de los medios de comunicación: su papel referencial como elemento fundamental en la historia de la cultura y su importancia en la crisis de la sociedad contemporánea.

Palabras clave: cultura de masa, tecnologías, crisis de las ideologías.

* Professor Doutor da Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).



Quatro décadas depois do surgimento de *Understanding Media: The Extensions of Man*, é possível afirmar que o pensamento de McLuhan se assenta sobre dois eixos fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea. O primeiro é o da percepção de que os processos político-culturais estão atrelados à tecnologia dos meios de comunicação mais do que ao conteúdo de suas mensagens. O segundo é o que remete, como desdobramento do papel nuclear da técnica no impasse da modernidade, à lógica da eficácia global e da funcionalidade como elementos articuladores do pensamento e da ação, causas que estruturam a crise das ideologias. Sem originalidade de conteúdo, mas beneficiando-se do sentido que os anos 1960 lhe emprestaram, o aforismo que carimbou McLuhan – *o meio é a mensagem* –, sintetiza uma lógica de dois tempos: o da história e o do presente.

Inicialmente, é preciso que se faça uma reflexão de caráter geral: a constatação de que o *modismo* em torno de algumas obras e de seus autores, eventualmente em torno de algumas idéias, é uma espécie de véu que tanto pode esconder suas formas quanto sensualizá-las, tornando-as mais desafiadoras e provocantes. Parece ser o que ocorre com McLuhan já que a amplitude de sua contribuição para o entendimento dos fenômenos da comunicação no mundo contemporâneo foi – e ainda o é – prejudicada por essa percepção maniqueísta e extremada que boa parte dos estudiosos guardam em relação a ele. Ou estamos diante de uma condenação radical e inapelável – e aqui me refiro ao exemplo de Enzensberger, que criticou em McLuhan sua postura *apolítica*, chamando-o *ventríloco* de forças reacionárias, *marqueteiro* e *ator* porque mistificou as mídias isolando-as do universo dos conflitos sociais (Enzensberger, 2003); ou deparamos com um entusiasmo quase irrefletido, como aquele manifestado pelo *New York Herald Tribune* numa edição de 1969, em que o professor canadense era classificado como “o mais importante pensador desde Newton, Darwin, Freud, Einstein e Pavlov” (Sommer, 2004).

Agora mesmo, durante o VII Seminário Internacional da Comunicação, realizado em 2003 na PUCRS, sobre o tema “Da aldeia global ao ciberespaço: as tecnologias do imaginário como extensões do homem”, sucederam-se manifestações apaixonadas que não deixaram por menos: McLuhan foi cantado como um profeta que, através de metáforas bem construídas chocou o mundo com vaticínios que não tardariam a se confirmar, como é o caso da constituição dessa concreta “aldeia global” que a rede mundial de computadores construiu (Sommer, 2004).

Entre esses extremos, em meio aos quais não falta a insinuação de que uma certa apologia de seus aforismos serviu para ocultar seu mestre e verdadeiro inspirador – o também canadense Prof. Harold Innis, com quem McLuhan trabalhou na Universidade de Toronto¹ –, é que está a dificuldade de situar, ou, mais precisamente, apontar a importância do pensamento de McLuhan e sua efetiva contribuição para o aprofundamento de nossa compreensão sobre os

¹ Em *A galáxia de Gutenberg* (1977), o próprio McLuhan reconheceu sua dívida intelectual com Innis: “Harold Innis foi a primeira pessoa a tratar do processo de transformação implícito nas formas de tecnologia. Meu livro não é mais do que uma nota de rodapé em relação a seu trabalho” (Mattelart e Mattelard, 2003, p. 178).



processos comunicacionais e, por conta deles, sobre alguns dos elementos que respondem pelas características da cultura contemporânea. É preciso, no entanto, registrar desde já: quando se lê McLuhan, lê-se um conjunto de construções teóricas. Trata-se de especulações, mais do que conclusões fundadas em elementos ou resultados empíricos, o que não quer dizer que elas não tenham validade ou que não encontrem respaldo nas tendências que já eram observadas no final dos anos 50 e no início dos anos 60. Essa primeira constatação vale como cercamento de uma característica muito peculiar da produção do autor de *A galáxia de Gutenberg*: sua propensão para o refinamento do estilo quase literário e de extraordinário efeito público de suas conclusões. Estamos diante de um comentador que brinda seus leitores com respostas sedutoras sobre a complexidade que a mídia eletrônica – em especial a televisão – ia adquirindo no Canadá e nos Estados Unidos. E essa vocação para a sentença categórica certamente contribuiu para que a profundidade de suas reflexões acabasse se escondendo por detrás das máximas que cunhou, ainda que isso possa responder por sua popularidade. Para Asa Briggs e Peter Burke,

ele (McLuhan) tratou mais da abrangência da mídia [...] do que das mensagens e seus conteúdos, não levando em consideração as diferenças nacionais ou as diversidades sociais dentro de cada país, as quais influenciaram diretamente, junto com outras estruturas educacionais, os padrões de controle, as gamas de conteúdo e os estilos de apresentação. Entretanto, quando generalizou sobre a aldeia ou o globo, estava influenciado pelas tradições e experiências típicas do Canadá (Briggs e Burke, 2004, p. 248).

McLuhan foi um dos primeiros exemplos dos “intelectuais públicos” que povoaram a mídia no pós-guerra, já que o espaço em que ele pontificou foi o da imprensa, do rádio, da Tv, e não, em especial, o da academia. E, como fez isso com um estilo hiperbólico, foi inevitável que tivesse associada à celebração de suas idéias a celebridade de sua figura, fato que nos oferece uma pista sobre a radicalidade com que foi admirado e condenado.

A prova disso, dessa mistura de construção teórica, generalização arrebatada e contundência fraseológica, é que a lembrança de suas contribuições se faz mais por conta das frases conceituosas que produziu do que pelas demonstrações científicas que apresentou. A mais famosa dessas sentenças foi *o meio é a mensagem*, mas essa vocação se manifestou também nos títulos das obras – “A galáxia de Gutenberg” ou “... as extensões do homem” –, ou em rótulos cheios de pós-modernidade como “aldeia global”. Ou ainda em frases exuberantes: *a tecnologia da estrada-de-ferro criou o mito mundial dos pastos verdes da inocência*. Ou polêmicas: *a mulher é a última criatura a ser civilizada pelo homem*. McLuhan, ele próprio, construiu-se como modismo intelectual na época em que refletiu sobre as transformações aceleradas que se processavam no mundo da cultura e da comunicação e, por motivos que pretendo expor adiante, tornou-se, em medidas quase iguais, aprovado e reprovado, à esquerda e à direita.

Por isso mesmo, a comemoração dos 40 anos de *Understanding Media* é uma boa oportunidade para averiguar o alcance de sua contribuição, naturalmente sem a pretensão de encontrar algum tipo de equilíbrio certo, mas a



partir da suposição de que esse distanciamento no tempo talvez permita retirar daqueles dois eixos, a partir dos quais sua obra pode ser vista, um clareamento menos apaixonado, naturalmente com vantagens para seu próprio legado².

A primeira hipótese sobre a qual acredito que as reflexões de McLuhan se assentam é a de um novo fundamento epistêmico e metodológico para se entender a história: para ele, trata-se de um processo cujos recortes que efetivamente indicam mudanças estruturais nas formações sociais se devem menos a ocorrências no campo da política e da economia do que a transformações incidentes no universo da cultura em cujo âmbito estão imersos os processos e os modos de comunicação. A proposta é a de uma História vista e compreendida a partir de leituras do mundo e dos efeitos culturais que as formas consecutivas que essas leituras adquiriram provocam em cada período. Essas idéias estão presentes em *A galáxia de Gutenberg*, mas não eram efetivamente originais quando publicadas em 1962. Na verdade, eram idéias que sintetizavam a hipótese central dos trabalhos de Harold Innis: as tecnologias da comunicação formam as bases dos processos políticos e econômicos – demonstrada em duas obras seminais dos anos 50 – *Império e Comunicações* (1950) e *As tendências da Comunicação* (1951). Para Innis, na síntese de Mattelart,

são as tendências assumidas pela comunicação em seus diferentes aspectos tecnológicos que determinam as formas da organização social. Os 'monopólios do saber' determinados pela tecnologia comandam a distribuição do poder político entre os grupos sociais. O poder é uma questão de controle do espaço e do tempo. Os sistemas de comunicação moldam a organização social porque estruturam relações temporais e espaciais. Na história, distinguem-se duas formas de mídia ou comunicação, que cedem lugar a duas formas de domínio. A primeira, ligada ao espaço (...), simbolizada pela imprensa e pela comunicação eletrônica, conduz à expansão e ao controle do território. A segunda, ligada ao tempo (...), transmitida pela cultura oral e manuscrita, favorece a memória, o senso histórico, pequenas comunidades e formas tradicionais de poder. A primeira visa à centralização; a outra, a seu contrário (Mattelart e Mattelart, 2003, p. 178).

Com base nesse fundamento, é que McLuhan desenvolve suas teses, isto é, as conseqüências determinantes que os meios de aquisição e de manuseio da informação podem ter para uma formação social – idéia da qual decorre a percepção do papel central da mídia ou das formas de comunicação no processo histórico. Innis havia observado isso na cultura grega, constatando o papel que nela desempenharam os sistemas orais e coletivos de criação e de registro do conhecimento pela via das canções, dos relatos, das histórias, fato que consolidava a percepção

² É em *A galáxia de Gutenberg*, editado em 1962, que Marshall McLuhan formula aquela que seria sua análise mais profunda e que o tornou célebre: a ruptura que a tipografia móvel provocou na sociedade ocidental, inaugurando a modernidade. A rigor, essa formulação é caudatária do pensamento de Harold Innis, mas em seu desdobramento apresenta uma arquitetura teórica original que já vinha sendo desenvolvida na revista *Explorations*, editada por McLuhan e Edmund Carpenter entre 1953 e 1957. Ver Francisco Rui Cádima (1996, p. 115 e seguintes).



circular da vida, tanto quanto o foram as características principais da cultura européia até o século XVI. Com a escrita e com sua inexorável penetração na vida cotidiana a partir de então, e até que a humanidade ingressasse na era da comunicação eletrônica, estabelece-se o primado do texto linear da compreensão racional do mundo sobre a sensibilidade auditiva e poética. Essas seriam as “implicações do letramento” que, na verdade, representam uma reestruturação da cultura com efeitos sobre todas as dimensões sociais, da economia à organização do estado. Para McLuhan, numa de suas frases de construção brilhante, “os impressos abriram uma fenda entre a cabeça e o coração”.

Na era da comunicação eletrônica, que marca seu início com o advento do telégrafo e que atingiria seu apogeu com a televisão, estaríamos diante de uma nova ruptura, já que essa nova circularidade permitida pela associação imagem-som aniquila os mundos particulares da razão e permite a criação das novas comunidades em que o espaço físico fica substituído pela ausência de um centro, por uma nova localização circular, pela desierarquização do saber. Segundo Castells, “o que a TV representou, antes de tudo, foi o fim da Galáxia de Gutenberg, ou seja, de um sistema de comunicação essencialmente dominado pela mente tipográfica e pela ordem do alfabético fonético” (1999, p. 357).

Para McLuhan, trata-se de uma sucessão de formações sociais, ao longo da história, não mais caracterizadas por suas estruturas econômicas ou por suas instituições políticas, mas pelo cotidiano e pelas ordens tribal, destribal e retribal que têm no processo comunicacional o eixo que explica a cultura. Asa Briggs e Peter Burke afirmam que esse novo enfoque para analisar a história estabelece uma “grande divisão entre as culturas orais e literárias, ou entre sociedades pré e pós-televisão, [formulação teórico-metodológica sobre a qual McLuhan estabelece] a centralidade da mídia, ao identificar e traçar as características específicas, independente das pessoas que as usam, das estruturas organizacionais com as quais operam os provedores, e dos objetivos para os quais são usadas” (2004, p. 23), razão pela qual não é o conteúdo da informação que verdadeiramente importa, mas sua forma. É do próprio McLuhan a constatação seguinte:

O modo da imagem de TV nada tem em comum com filme ou foto, exceto pelo fato de que oferece também um gestalt não-verbal ou postura de formas. No caso da TV, o espectador é a tela. É submetido a impulsos luminosos que James Joyce comparou a “bombardeio de luzes” [...] A imagem de TV não é um instantâneo estático. Não é uma foto em nenhum sentido, mas um delineamento ininterrupto de formações desenhadas ponto a ponto pela varredura. O contorno plástico resultante aparece pela luz através da imagem, não pela luz sobre ela, e a imagem assim formada tem a qualidade de esculturas e ícone, e não de uma foto. A imagem de TV oferece ao receptor cerca de três milhões de pontos por segundo. Desses, o receptor aceita apenas algumas dúzias a cada instante para com eles formar uma imagem (McLuhan, 1964, p. 346).

Para alguns intelectuais, essa apreensão refinada e a conceituação rigorosa demonstravam um trânsito do autor de *A galáxia de Gutenberg* da crítica dos meios de comunicação de massa à sua promoção. De fato, entre o McLuhan que denuncia a manipulação publicitária em *A noiva mecânica*



ca, de 1951, afirmando vivermos “numa época em que muitos milhares das mentes mais bem treinadas entregam-se em tempo integral à tarefa de penetrar na mente pública coletiva (...) para manipular, explodir [e] controlar” (in Jacoby, 2001, p. 102), e o McLuhan que aponta os meios de comunicação como extensões do homem, há uma diferença importante que precisa ser explicada. Naturalmente não se trata, como quiseram insinuar seus detratores – entre eles Russell Jacoby (2001) –, de simples oportunismo do autor, de um mero deslumbramento com a técnica. Tudo indica que McLuhan refletia no âmbito de duas das principais correntes do pensamento sociológico do pós-guerra, alternando sua posição nos marcos de uma polêmica maior para a qual, ainda agora, não há uma teoria que seja suficiente para dar conta das dimensões do problema. Refiro-me à oposição entre a concepção crítica da racionalização social e a concepção prático-racionalista do progresso técnico. A primeira se constitui no paradigma do pensamento crítico do qual Habermas será o expoente no pós-guerra: o consumo dos bens culturais não é mais que uma extensão do trabalho alienado. A segunda vê na excelência dos resultados de uma sociedade tecnicamente avançada uma compensação para a alienação do trabalho, tal como a definiu Marx, e seu principal expoente será, também nos anos 1950, o sociólogo francês Georges Friedman.

Nesse sentido, o impacto da aceleração das mudanças tecnológicas do pós-guerra, uma das causas do período virtuoso da consolidação da hegemonia norte-americana e da reconstrução da Europa, pôs em evidência um processo ininterrupto de subversão dos valores tradicionais – que, em especial nos Estados Unidos, já se desenvolvia desde os anos 1920 (os anos loucos do rádio) –, que criava sociedades tecnicamente administradas, espaço de incitação ao consumo no qual um dos agentes, possivelmente o mais evidente e o mais consagrado, era a ação dos meios de comunicação. Nessas sociedades, todas elas capitalistas, mas com forte poder de sedução também sobre as do leste europeu, criava-se uma “necessidade insaciável de compensações sempre novas” (Wiggershaus, 2002, p. 576), necessidades instrumentalizadas pela publicidade – objeto da crítica de McLuhan em *A noiva mecânica*.

Essa mesma eficácia técnica, no entanto, já na primeira metade dos anos 1960, havia permitido a formação de uma nova consciência militante para cuja construção os espetáculos midiáticos foram fundamentais. Segundo Jacoby,

a guerra do Vietnã convenceu os céticos de que a política é encenada nos meios de comunicação; das cenas de guerra na televisão aos Papéis do Pentágono nos jornais, os militantes e radicais chegaram à conclusão de que os meios de comunicação de massa são capazes de moldar a opinião pública. Ao mesmo tempo, a geração que soube aprender esta lição cresceu com os meios de comunicação de massa e passou a dar-lhes o devido valor (Jacoby, 2001, p. 102).

McLuhan pode ser visto como o antecessor dessa nova postura – a que pratica uma sistemática infidelidade à palavra impressa e à cultura tradicional europeia e coloca em outro patamar a cultura popular norte-americana, sem negar a sociedade de consumo. Ainda para Jacoby, “amadurecer com a televisão formava a base de uma capacidade de apreciação; ela já não chocava, como à



geração anterior, mas seduzia e encantava” (2001). Talvez tenha sido mais que isso: em *Guerra e paz na aldeia global*, escrito em 1969 com Quentin Fiore, é o próprio McLuhan quem detecta os efeitos quase interativos do papel que a televisão teve nas salas de jantar das famílias norte-americanas durante a Guerra do Vietnã, produzindo um distanciamento civil do conflito que corroía suas justificativas políticas e ideológicas. Daí porque seja possível concluir que os anos 1960 possibilitaram que as concepções da racionalização social se manifestassem no interior das justificativas prático-racionalistas da sociedade pós-industrial, fato do qual decorre a conhecida cisão irrecuperável entre os apocalípticos e os integrados de Umberto Eco. Para os críticos de McLuhan, a revisão que ele promoveu em relação a essa nova percepção da mídia era suficiente para colocá-lo entre os “integrados”, mas também era suficiente para que o autor canadense fosse percebido como uma das festejadas referências intelectuais de jornalistas, escritores, professores e estudantes que não aceitavam o ressentimento elitista que alimentava a análise demolidora da cultura de massa. A conjuntura da época consagrou o autor, como percebeu Hobsbawm,

a primeira geração da humanidade a tomar a viagem aérea e as telecomunicações rápidas e baratas como coisas do cotidiano, os estudantes de final da década de 60, não tinha dificuldade para reconhecer o que acontecia na Sorbonne, em Berkley, em Praga como parte do mesmo acontecimento, da mesma aldeia global em que, segundo o guru canadense Marshall McLuhan [...], vivíamos todos (Hobsbawm, 1995, p. 434).

Esse longo arrazoado serve para demonstrar que há fundamento na tese segundo a qual os processos midiáticos reconfiguram as formações sociais a partir de estímulos alternados que, ao fim e ao cabo, se constituem em diferenciadores sensoriais e perceptivos que respondem pelo conjunto ulterior de características sócio-culturais: no lugar de modos de produção, modos de percepção. E parece haver fundamento também na hipótese de que reside nessa lógica um indicativo de que foram os avanços e os impactos das tecnologias da informação, da constituição das redes globais de conexão, parte das causas da constituição dessa incontornável aldeia em que vivemos hoje (Castells, 1999).

Por esse ângulo, é possível perceber agora que o amplo grupo de críticos da cultura de massas surgido nos anos 1950, do qual McLuhan é um dos integrantes, acabou por produzir, na síntese de seu amadurecimento posterior, uma dupla e consistente compreensão dos mecanismos técnico-culturais que atuavam na formatação da sociedade industrial. De um lado, estão aqueles que mantiveram a posição radical e inconformista da reação contra a sociedade de consumo, aglutinados em torno de Innis, mas principalmente em torno de Marcuse. De outro, McLuhan, que chega em 1962, com *A Galaxia de Gutenberg*, sua obra cientificamente mais encorpada, por via de uma visão histórico-cultural da emergência da escrita e da tipografia, à formulação de um novo recorte epistemológico: o da separação entre duas culturas; uma, a tribal, fechada, estável, modelada pelo som, inclusiva, capaz de aguçar a percepção sensorial que a mídia eletrônica resgata; outra, a alfabética, da hegemonia do texto impresso, destribilizada, visual, seqüencial, que conduz aos especialismos fragmentados e ao isolamento do



indivíduo. Nos dois casos, as extensões do Homem, a natureza do meio como sua própria mensagem, mais que o conteúdo delas.

O outro eixo sobre o qual se apóiam as idéias de McLuhan guarda um paradoxo considerável em relação a essa nova percepção da mídia. Na verdade, o aforismo *o meio é a mensagem* é a sua mais evidente manifestação, porque se, de um lado, resume as virtudes epistêmicas da tecnologia tanto como método de uma nova periodização da história quanto como símbolo de uma sociedade que compensa pelo consumo a alienação do trabalho; de outro lado, reforça a percepção de que a racionalidade tecnológica midiática pode ser o sintoma de um fenômeno patológico de natureza estrutural já que subordina a intencionalidade do projeto humano, invertendo os pólos da equação humanista, isto é, a eficácia da técnica acima de quaisquer outras considerações, inclusive as que dizem respeito aos impulsos da criação e da utopia. A técnica como messianismo, como logos, promete ao homem se livrar das ideologias em troca da funcionalidade. McLuhan aponta o problema quando escreve *Understanding Media*, embora não retire dele todos os desdobramentos que seu enunciado permitia. Para Rubem Alves,

[a] afirmação (...) – “a mensagem é o meio” – é válida para todo o sistema tecnológico e (...) significa que o fim do sistema tecnológico não é algo além dele mesmo, algo que ele possa produzir, mas as próprias estruturas – comumente chamadas meios. Assim, o fim dos ‘meios’ de produção não é o produto que se encontra no fim da linha de montagem, mas antes o próprio funcionamento dos meios. Da mesma forma como o fim dos meios de comunicação não é a mensagem que eles transmitem de forma clara, mas o funcionamento daquela estrutura toda de comunicação que unifica público e meios. Assim, os fins são o funcionamento. Cria-se, desta forma, um sistema global que funciona de acordo com uma lógica de eficácia, ou seja, uma lógica de excelência funcional, na qual produção, consumo e o homem se articulam num todo que os unifica. O mundo se transforma em organização e as formas utópicas – conforme Karl Mannheim as entende – e ideológicas de pensamento simplesmente desaparecem, por nenhum papel poderem desempenhar num sistema funcional (Alves, 1968, p. 12-13).

Reside nessa lógica toda a marca do antagonismo vivido pela intelectualidade acadêmica desde os anos 1960 e para o qual as teses de McLuhan serviam com evidente desconforto. A ênfase numa racionalidade inerente aos mídias, uma espécie de nexos que explicava todo o processo de desumanização da sociedade do pós-guerra, acabava por conduzir à formulação de uma teoria que ajudava a desvendar muito mais do que o marxismo permitia, isto é, uma visão mais abrangente do universo de contradições que assaltava o cotidiano do “capitalismo pós-industrial”. De fato, olhando as coisas de agora, é possível perceber que a contestação radical que encontrou em McLuhan uma de suas comprovações – ainda que pelo viés da crítica à essência de seu pensamento –, mas plenamente em Herbert Marcuse – pela adesão à tese do homem unidimensional – batia-se contra a consagração de uma sociedade tecnicamente administrada, a respeito da qual Habermas já havia dissertado no primeiro grande



artigo que publicou em 1954, intitulado “A dialética da racionalização. Do pauperismo na produção e no consumo” (in Wiggershaus, 2002). Em síntese, a emergência de uma conjuntura, cuja marca principal era o primado da técnica sobre quaisquer outras considerações, feriu mortalmente o arcabouço filosófico humanista que informava todos os sistemas ideológicos de base renascentista. A medida da produtividade como um fim em si mesmo, a predominância da racionalidade tecnológica sobre as considerações de caráter finalista das narrativas utópicas, apontavam para uma inversão radical nas relações sociais e punham em xeque os projetos políticos revolucionários que embalaram sucessivas gerações desde a segunda metade do século XIX, na medida em que nem mesmo os trabalhadores deixavam de estar inseridos, numa compensação pelo consumo, da alienação que viviam no mundo da produção.

A rigor, portanto, a lógica da sociedade tecnicamente planejada era a consagração do império do valor de troca nas relações sociais. Ou, em outras palavras, a mercadoria como uma linguagem subordinadora do humano de tal forma que a capacidade criadora do Homem – base do pensamento humanista – se submetia à lógica do sistema e era expropriada de seu conteúdo transformador. Nesse sentido, a vida deixava de ser fim e se transformava em objeto da dinâmica produtiva, só adquirindo significado se pudesse, de alguma forma, atender à racionalidade do sistema industrial. No limite dessa leitura, não eram as necessidades humanas que moviam esse sistema, já que, de seu ponto de vista, elas, em si mesmas, não tinham significação alguma. Eram as necessidades do próprio sistema que o alimentavam (Faro, 1999, p. 61).

As teses de McLuhan não diziam respeito diretamente a esse problema e parece que nunca foi essa sua intenção, mas identificavam, no âmbito de sua formulação relativamente aos processos comunicacionais, especialmente a emergência da mídia eletrônica, a mesma dialética que era apontada em todos os outros setores da vida social. *O meio é a mensagem* acabava, assim, transformando-se numa metáfora de valor universal e esse parece ter sido o principal sentido que lhe foi atribuído. E eram as suas próprias reflexões que conduziam a esse desdobramento:

A velocidade elétrica mistura as culturas da pré-história com os detritos dos mercadologistas industriais, os analfabetos com os semiletrados e os pós-letrados. Crises de esgotamento nervoso e mental, nos mais variados graus, constituem o resultado, bastante comum, do desarraigamento e da inundação provocada pelas novas informações e pelas novas e infundáveis estruturas informacionais (McLuhan, 1964, p. 336).

Uma angústia civilizacional, em suma, que refletia o humano como instrumento da técnica, e, conseqüentemente, a perda da vontade e da capacidade de executar o projeto ideológico utópico. Foi Karl Mannheim quem melhor definiu o resultado final desse processo:

É possível (...) que no futuro, num mundo em que nunca haja nada de novo, em que tudo esteja terminado e cada momento seja uma repetição do passado – isto é, o mundo cibernético descrito por Lefebvre –, possa existir uma condição em



que o pensamento seja completamente desprovido de elementos ideológicos e utópicos. Mas esta eliminação completa dos elementos transcendentais à realidade em nosso mundo conduz a um “objetivismo” que, em última análise, significaria a decomposição da vontade humana... A desaparecimento da utopia traz consigo uma estagnação em que o próprio homem se transforma em coisa. Teríamos de enfrentar o maior paradoxo imaginável, ou seja, o de que o homem, tendo atingido o mais alto grau de domínio racional da existência, vê-se abandonado por todo ideal, tornando-se brinquedo de impulso. Assim, ao cabo de um desenvolvimento longo e tortuoso, mais heróico, exatamente no apogeu da consciência, quando a história deixa de ser destino cego e vai-se tornando cada vez mais uma criação humana, com o abandono das utopias, o homem perderia a vontade de plasmar a história e, com ela, a capacidade de compreendê-la (in Alves, 1968, p. 24).

Quarenta anos depois do aparecimento de *Understanding Media*, no limiar de uma era que erigiu a inclusão digital como um de seus objetivos, ao mesmo tempo em que se põe na fronteira da barbárie da exclusão absoluta de populações inteiras, pela guerra ou pela pobreza, o legado teórico de McLuhan parece produzir uma sensação de alívio: pelo menos sabemos agora a que ponto chegamos.

Referências

- ALVES, R. 1968. Tecnologia e humanização. *Revista Paz e Terra*, II(8):7-25.
- BURKE, P. e BRIGGS, A. 2004. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CÁDIMA, F.R. 1996. *História e crítica da comunicação*. Lisboa, Século XXI.
- CASTELLS, M. 1999. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol I – A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra.
- ENZENSBERGER, H.M. 2003. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. São Paulo, Editora do Brasil.
- FARO, J.S. 1999. *Revista Realidade, 1966-1968. Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre, Age editora.
- HOBSBAWM, E. 1995. *Era dos extremos*. São Paulo, Cia. das Letras.
- JACOBY, R. 2001. *O fim da utopia. Política e cultura na era da apatia*. Rio de Janeiro, Record.
- MATTELART, A. e MATTELART, M. 2003. *História das teorias da comunicação*. São Paulo, Loyola.
- McLUHAN, M. 1964. *Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding media)*. São Paulo, Editora Cultrix.
- McLUHAN, M. 1977. *Galáxia de Gutemberg*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- McLUHAN, M. e FIORE, Q. 1971. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro, Global/Record.
- SOMMER, V. 2004. *Uma pequena revisão da obra de McLuhan*. Monitor de Mídia. Disponível em: <http://www.univali.br>.
- WIGGERSHAUS, R. 2002. *A escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Difel.